

Miguel Louro revisita Tibães 50 anos de fotografia entre memória e reinvenção

O SILÊNCIO das paredes do Mosteiro de Tibães ganhou nova vida com a exposição que celebra os 50 anos de percurso fotográfico de Miguel Louro, um dos nomes mais persistentes da fotografia documental portuguesa.



EU - Tibães

PROJETO 50-70

MIGUEL LOURO

CULTURA

| Rui Alberto Sequeira |

Cinco décadas depois do início da sua actividade, o médico e fotógrafo Miguel Louro continua a revelar arquivos, histórias e imagens inéditas, confirmando uma obra extensa, coerente e em permanente reinvenção - onde Tibães ocupa um lugar central, afectivo e artístico.

A exposição na Sala do Recibo no Mosteiro de Tibães integra-se no vasto projecto 50/70 - cinquenta anos de fotografia, setenta anos de vida - desenvolvido em diferentes pontos do país. Em Tibães, o fotógrafo apresenta uma síntese particularmente significativa do seu percurso, cruzando imagens históricas com trabalhos recentes, numa leitura simultânea do passado e do presente do monumento.

Miguel Louro começou a fotografar Tibães antes de o mosteiro ser classificado como património nacional. Algumas dessas imagens iniciais, captadas há quase meio século, fazem hoje parte do acervo institucional, depois de os negativos originais terem sido entregues às entidades responsáveis pelo património. A exposição reúne, assim, fotografias realizadas antes e depois da classificação, permitindo perceber a profunda transformação do espaço ao longo das décadas.

O percurso organiza-se em vários núcleos. A entrada é marcada por textos de pessoas que



Miguel Louro expõe o seu percurso enquanto fotógrafo na Sala do Recibo do Mosteiro de Tibães

acompanharam o trabalho do fotógrafo em Tibães, como Domingos da Mata, Paulo Oliveira e José Carlos Peixoto, com quem colaborou em publicações dedicadas ao mosteiro. Segue-se um autorretrato - elemento recorrente nas exposições de Miguel Louro - que funciona como ponto de transição para o corpo central da mostra.

O primeiro grande núcleo expositivo apresenta fotografias a preto e branco, em grande formato, realizadas ao longo dos seus quarenta anos de trabalho sobre Tibães.

A igreja, os interiores e, sobretudo, os jardins assumem especial protagonismo. Os jardins históricos, com buxos seculares, plantas autóctones e espécies in-



A exposição está patente até ao final de Janeiro e assume-se, segundo o Miguel Louro, como uma das suas mais completas.

roduzidas pelos monges, são apresentados como um dos espaços mais marcantes do conjunto monástico, carregados de história botânica e simbólica.

Um segundo núcleo é dedicado ao interior da igreja, com destaque para as carrancas esculpidas nos cadeirais do coro, elementos de forte carga simbólica ligados à disciplina monástica e ao sistema de punições internas, pouco

conhecido do grande público.

A exposição prossegue com fotografias a cores de grande formato dos jardins, onde a cor assume uma presença intensa e sensorial. Entre estas imagens destaca-se uma das obras mais emblemáticas do fotógrafo: o lago de Tibães fotografado às cinco da manhã.

A mostra inclui ainda uma pequena série de platinotipias, processo fotográfico artesanal reservado, segundo o próprio fotógrafo, às suas melhores imagens. O percurso encerra com provas a preto e branco provenientes dos primeiros negativos de Tibães, anteriores à classificação patrimonial, hoje pertencentes ao mosteiro, funcionando como testemunho visual de um

tempo em que ainda havia "muita obra por fazer".

Paralelamente à dimensão histórica, a exposição revela também um trabalho profundamente actual. Miguel Louro retoma uma das suas imagens mais conhecidas - 'O Fantasma Monge de Tibães' - e apresenta agora uma nova série intitulada 'A Noiva Monja de Tibães'. Em 'fine art print' e a cores, estas fotografias introduzem uma figura branca, etérea, que percorre os interiores do mosteiro, numa abordagem contemporânea, marcada por imagens fugidias, fluidas e cromaticamente intensas.

A exposição está patente até ao final de janeiro e assume-se, segundo o Miguel Louro, como uma das suas mais completas: pela antiguidade e novidade das obras, pela qualidade do espaço museológico e pela forte dimensão pedagógica, que convida à leitura visual e histórica do património.

Em paralelo, Miguel Louro continua a desenvolver o projecto 50/70 em vários pontos do país, com exposições em Braga, Ponte de Lima, Monção, Viana do Castelo e no Algarve.

Entre os trabalhos mais recentes destaca-se a reconversão de fotografias em azulejo, explorando uma linguagem profundamente ligada à tradição portuguesa, aplicada a paisagens e séries emblemáticas do seu percurso como é o caso do projecto 'Sente-se'.